

UNIVERSIDADE FEDERAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
FACULDADE DE



DO PARÁ  
DA EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO

PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARFOR  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MAURIZA SANTOS MESQUITA

**MEMORIAL: AS REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DA  
INFÂNCIA A VIDA ACADÊMICA**

ANAPU/PA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARFOR  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MAURIZA SANTOS MESQUITA

**MEMORIAL: AS REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DA  
INFÂNCIA Á VIDA ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professor Dr. André Ribeiro de Santana.

ANAPU/PA

2023

**MEMORIAL: AS REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DA INFÂNCIA À  
VIDA ACADÊMICA**

Elaborado por:

MAURIZA SANTOS MESQUITA

Com requisito parcial para obtenção do grau  
**Licenciatura em Pedagogia**

Avaliado em \_\_25\_\_ / \_\_01\_\_ / \_\_2023\_\_

Conceito: \_\_Exelente\_\_

---

Orientador: Prof.º André Ribeiro de Santana

---

Professor (a)

---

Professor (a)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

M578m Mesquita, Mauriza Santos Mesquita.

MEMORIAL: AS REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA  
DE VIDA DA INFÂNCIA A VIDA ACADÊMICA : Família e  
Escola em construção / Mauriza Santos Mesquita Mesquita.

— 2023.

XXX f.

Orientador(a): Prof. Dr. André Ribeiro de Santana

Santana

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Vida. 2. Conhecimentos. 3. Educação. 4.  
Formação. I. Título.

CDD 371.10092

---

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus por sua infinita misericórdia e bondade para comigo.

“Dedico este TCC ao meu pai Anísio Luiz de Mesquita (in memoriam)”.

“Dedico este TCC ao meu irmão Anildo Santos Mesquita (in memoriam)”.

Dedico a minha mãe Maria da Conceição Santos Mesquita.

Dedico as minhas filhas Denise Mesquita, Déborah Mesquita e Danielly Mesquita. Dedico Meu Esposo Egiesio Martins.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado força, coragem e sabedoria para poder conseguir vencer o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Agradeço (in memoriam) meu pai Anísio Luiz de Mesquita por estar sempre presente em minha vida e direcionando no caminho certo.

Agradeço a Universidade Federal do Pará por ter aderido ao programa PARFOR e ter nos proporcionado esse curso.

Agradeço a minha mãe Maria da Conceição Santos Mesquita por ter acreditado em mim e me incentivado sempre.

Agradeço as Minhas filhas Denise Mesquita, Déborah Mesquita e Danielly Mesquita. Meus netos Kauê e Isabela pelas palavras de incentivo e por entender os momentos de ausência na vida delas quando estava estudando.

Agradeço o meu Esposo Egiesio Martins por ter me apoiado e incentivado a continuar no estudo.

Agradeço minha amiga Nilceia Oliveira pela parceria e companhia durante esses quatro anos de curso.

Agradeço a todos meus professores que esteve conosco durante esses quatro anos por ter nos transmitido os seus conhecimentos.

Agradeço o meu orientador André Ribeiro de Santana por ter aceitado o convite de estar nos orientando e apoiando nessa última fase do curso de pedagogia.

## **EPIGRAFE**

“Aqueles que acreditam na infância, o cantinho da nossa vida que volta à lembrança através do brincar”. Porque o brincar transforma.

(Adriana Friedmann, 1992)

## RESUMO

O artigo presente apresenta meu “Memorial: As reflexões sobre a trajetória de vida da infância a vida acadêmica”. Objetivou fazer uma recordação da minha memória, resgatando o passado da infância, o ingresso na escola, ensino médio e o ingressar no curso de Pedagogia – Parfor. O ser humano enquanto cidadão precisa passar por diversas etapas no desenvolvimento pessoal e intelectual, haja vista que a infância tem a sua contribuição para outras etapas na vida adulta. O Memorial Descritivo relata não só a trajetória da minha formação escolar, mas, descreve uma síntese dos momentos marcantes de toda minha história familiar e pessoal. Enquanto formadora de opinião contribuo a minha vida acadêmica ao grande projeto do governo federal PARFOR que me instigou a fazer parte e hoje apresentando esse trabalho chego ao final dessa formação que contribuirá para minha carreira de professora do ensino da Educação Infantil. O PARFOR é acontecimento eminente aos professores que não tinha formação acadêmica, sendo uma realização do meu sonho de chegar à formação acadêmica. Durante o período de formação pude construir conhecimentos e adquirir grandes aprendizagens na assimilação das teorias e práticas no curso de pedagogia

Palavras-chave: Vida; Conhecimentos; Educação; Formação.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I – FAMILIA E ESCOLA EM CONSTRUÇÃO	12
1.1 Memórias de infância	12
1.2 Primeira escola: Ensino Fundamental	16
1.3 Terceiro momento da educação: Ensino médio	18
1.4 Início da profissão de docente	19
1.5 O ingressar no Curso Superior - UFPA-PARFOR	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

## INTRODUÇÃO

Este memorial acadêmico estará abordando a partir do tema Memorial: As reflexões sobre a trajetória de vida da infância a vida acadêmica. Vem tratar as reflexões sobre minha trajetória de vida pessoal e profissional. Acredito na relevância de abordar esse tema, pois hoje, após as leituras e as pesquisas realizadas no decorrer do curso de Pedagogia ofertado pela Universidade Federal do Pará através do Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR), percebo que, essa etapa exerce importância ímpar no desenvolvimento de aprendizagens que serão consolidadas no decorrer de toda vida escolar.

Venho aqui falar da minha infância e vivências com meus pais, pois somos frutos do processo de colonização do governo federal que explorava em mídias a tão vantagens de vim a essa região para garantir terras e vida melhor. Sou de uma geração que não teve direito a educação infantil, e que só bastava saber ler e escrever seria o suficiente para viver bem.

As literaturas nos mostram o quanto a Educação Infantil é Importante para o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças, pois ao frequentar turmas do pré-escolar o aluno estará em contato com diversas formas de brincar, estará em contato com outras crianças, sendo possível desenvolver suas habilidades sociais, cognitivas e motoras.

Hoje tendo experiência como docente na Educação infantil no município de Brasil Novo/PA, me permito perceber que o trabalho pedagógico na pré-escola vai muito além do simples ato de cuidar, precisa ter, por parte do educador, a constante reflexão sobre sua prática, pois é um período marcado por muitas transformações e descobertas, que proporcionam o florescer da imaginação, da criatividade e de instantes preciosos, que precisam ser mediados e conduzidos pelo professor, para que consiga utilizar recursos didáticos de maneira lúdica e assim possibilitar uma aprendizagem efetiva.

Essa consciência nem sempre fez parte do nosso cotidiano, pois até meados da década de 80, não havia preocupação com direitos das crianças. As creches surgiram por conta das necessidades que as mães tinham de trabalhar, essas instituições não tinham conotação pedagógica, era apenas de amparo e cuidado.

No entanto começou-se a pressionar os órgãos governamentais a garantir educação às crianças pequenas. Porém, com aprovação da Constituição Brasileira de 1988 e posteriormente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação a Lei nº 9394/96, trouxe importantes recomendações sobre o ensino de crianças de 0 à 5 anos, mostrando que os primeiros anos de vida são de extrema relevância para a construção dos alicerces da personalidade e do conhecimento, mostrando ainda que os Estados e Municípios precisavam se preocupar com o ensino voltado às crianças nos primeiros anos de vida, que pudesse promover estímulos motores, afetivos e sociais, que são cruciais para uma vida mais harmoniosa e feliz.

A memória, portanto, não é sonho e sim uma revisão da nossa história. História essa que jamais mudaremos, mas, podemos redesenhar e redefinir para que outras pessoas tenha conhecimento ou até mesmo sejam acontecimentos que possa contribuir na vida de alguém. O questionamento desse trabalho é como era a educação nos anos de 1980 a 1990 em Brasil Novo - Pará? Através dos relatos pessoais podemos perceber que a educação não era obrigatória nessa região.

O objetivo desse memorial é estimular as pessoas a descrever a sua vida no contexto de formação e vivenciar nessa experiência de relatos pessoais e profissionais.

Como metodologia, utilizarei uma pesquisa do tipo descritivo autobiográfico que segundo Gil (2002) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Estarei utilizando também, a pesquisa bibliográfica, que segundo o mesmo autor “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre diversas fontes documentais (GIL, 2002, P. 23)”.

Será utilizada uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido.

Para contemplar a temática utilizarei o gênero acadêmico memorial, pois é gênero científico que permite e oportuniza o sujeito a se conectar com os fatos e lembranças e a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos.

Arendt (2013) reforça este pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo objeto da pesquisa. Além disso, o memorial possibilita o sujeito a criar uma linha de reflexão traçada entre o passado o

presente e as perspectivas para o futuro, podendo assim, refletir sobre os fatos significativos das relações pessoais que possibilitaram seu “crescimento”, tanto como pessoa, quanto como profissional.

Para fundamentar teoricamente este trabalho buscou-se em Tardif (2003) que fala sobre as influencias sociais e profissionais que somadas às teorias adquiridas no decorrer de sua formação, resultarão na prática que adotará em sala de aula. Sendo que as mais significativas, segundo ele, são as que observamos enquanto discentes.

Em Freire (1996) que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

Utilizei as abordagens de Áries (1973), para falar do atendimento à criança, uma vez que nem sempre houve preocupação com relação a respeitar as etapas de seu desenvolvimento, segundo ele, “aprendia as coisas que deveria saber, ajudando os adultos a fazê-las”. (Aries, 1973, p.11), mostrando que a ideia de infância que temos hoje, foi sendo construída no decorrer da história da Humanidade.

Freire (1996), aborda a atuação do professor e alerta para a necessidade de uma reflexão crítica, por parte do educador, no sentido de refletir criticamente sobre sua prática educativa, mostrando que não suficiente apenas conhecer teorias, é preciso colocá-las em prática e isso poderá ser feito através da auto avaliação e reflexão por parte do educador para saber se está atingindo os objetivos propostos.

Este memorial está estruturado com um capítulo que tem como título “Família e escola em construção”, e dentro desse título tem cinco subtítulos que são: Memórias de infância, Primeira escola: Ensino Fundamental; Terceiro momento da educação: Ensino médio; Início da profissão de docente; O ingressar no Curso Superior - UFPA-PARFOR e por último considerações finais. Ambas vem apresentar um pouco da minha vida pessoal e profissional.

## CAPITULO I – FAMILIA E ESCOLA EM CONSTRUÇÃO

### 1.1 Memórias de infância

No início de nossas vidas é fundamental ter uma boa infância, sendo uma etapa importante para o desenvolvimento do ser humano, haja vista que a educação tanto formal quanto informal contribui para a preparação da vivência social.

A educação informal é a educação adquirida na família, nos grupos de amigos, em comunidades, nas brincadeiras, entre outras, já a educação formal é a educação que é desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados, com o intuito de contribuir com a oralidade e a escrita, também preparando para se profissionalizar.

A família e a escola são as principais instâncias sociais nas quais a criança está inserida e no interior das quais se constroem os processos de sua socialização, primariamente no meio familiar e, secundariamente, na escola. No entanto, a relação entre essas duas instâncias. Logo, família e escola participam de um processo gradual de aproximação, motivado pela necessidade do contexto social de cada época. Pois, a relação família e escola conglomeram as duas maiores instituições sociais da sociedade moderna.

Comumente, a criança nasce da instituição família e dando continuidade, ela é inserida na instituição escola, a função das duas é instruir a criança para melhor viver em sociedade.

Segundo Tavares e Nogueira (2013, p. 43),

A família e a escola são as principais instâncias sociais nas quais a criança está inserida e no interior das quais se constroem os processos de sua socialização, primariamente no meio familiar e, secundariamente, na escola. No entanto, a relação entre essas duas instâncias, ao longo da história, nem sempre ocorreu de modo harmônico e em complementaridade. Tal relação é vista ainda hoje como um desafio e vem sendo modificada segundo o contexto social e de acordo com as mudanças vivenciadas, tanto pelas famílias, quanto pelas escolas.

Concordo com as autoras, pois as configurações das duas instituições têm ocorrido mudanças mediante a cultura e os costumes da atual sociedade. A família busca na escola seu apoio para poder ajudar no desenvolvimento de suas crianças e assim contribuindo para o desenvolvimento.

Os termos criança e infância são apresentados na literatura científica de formas distintas, embora exista um equívoco em compará-las. Para Fernandes e Kuhlmann Junior (2004, p.16);

[...] a palavra infância evoca um período da vida humana. No limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar da construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiologia referenciado ao indivíduo.

A partir das análises de Fernandes e Kuhlmann (2004), a infância é uma condição social; e criança é o sujeito, sendo uma fase que todos os seres humanos passam inevitavelmente, diferente da infância que precisa ser vivida e sentida. Desse modo “a infância seria um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns a diferentes crianças” (KUHLMANN JÚNIOR, 2004, p.28).

Dessa forma, eu Mauriza Santos Mesquita nasci no município de Fortuna estado do Maranhão em 16 de Dezembro de 1976, meus pais Anísio Luiz de Mesquita natural da cidade de São Felix Piaui, minha mãe Maria da Conceição dos Santos Mesquita natural da cidade de Fortuna Maranhão, tive um irmão Anildo Santos Mesquita.

Quando criança, a minha infância foi repleta de memórias que faz com que tenha orgulho do que sou hoje. Assim é possível pensar que não há uma história da criança e sim uma história sobre a criança.

[...] os saberes constituídos sobre a infância que estão ao nosso alcance até o momento nos permitem conhecer mais sobre as condições sociais das crianças brasileiras, sobre sua história e sua condição de criança sem infância e pouco sobre a infância como construção cultural, sobre seus próprios saberes, suas possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontra inserida. Afinal, o que sabemos sobre as culturas infantis? O que conhecemos sobre os modos de vida das crianças indígenas, negras, brancas? O que sabemos sobre as crianças que frequentam a escola pública? Como aprendem? O que aprendem? O que sentem? O que pensam? (QUINTEIRO, 2002, p. 22).

A criança é um sujeito de direito, contudo historicamente, silenciada e narrada na terceira pessoa; o que sabemos sobre a infância é contada por adultos e não pela criança. Então hoje, adulta narro a minha infância, com detalhes da época. Portanto, sou filha de agricultores, meus pais eram muito pobres então minha mãe e meu pai deixava eu e meu irmão com a minha bisavó para que eles pudessem trabalhar na

roça. Ou seja, éramos uma família que vivia da agricultura familiar que pode ser definida como uma unidade de produção agrícola onde os trabalhos estão ligados a família. O trabalho dos meus pais na roça era braçal, plantavam e colhiam arroz e feijão, tudo feito com ferramentas simples como o facão, foice, machado e inchada, a colheita era feita com as mãos e o trajeto para levar esses alimentos até a nossa casa era feito em lombos de jumentos, colocados em balaios, feitos de palhas retiradas da palmeira de babaçu e confeccionados pelo meu próprio pai.

As memórias de infância faz-me lembrar-se do brincar com meu irmão e todas as etapas de criança estão guardadas na minha memória. De acordo com Bloch (2001, p. 75), “[...] o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. Nessa perspectiva, conhecer um percurso histórico implica no modo como interrogamos a história, as fontes e as diversas vozes que comunicam a historicidade de um determinado tema, nesse caso, o brincar com bonecas, e está relacionada à minha bisavó, ela fazia bonecas de pano produzidas com retalhos de tecidos, foram minhas primeiras bonecas e nessa época sentia a criança mais feliz, todas eram bem coloridas.

Para Mello (2007, p. 90), a “[...] infância é o tempo em que criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas”. As crianças desenvolvem sentidos próprios e opiniões, construindo sua própria identidade histórica.

No ano de 1980 meus pais ouviram falar sobre a colonização e os benefícios que esta região estava oferecendo, então decidiram vim morar no Pará, com o intuito de conseguir uma terra e poder plantar e colher para alimentá-los. Nesta época eu tinha quatro anos de idade, e a cidade que escolheram para morar foi Brasil Novo, no Pará, mas nessa época ainda era agrovila, um povoado pequeno que viviam da agricultura e da exploração dos recursos naturais.

Depois de alguns dias fomos morar na zona rural do município de Anapu, e moramos por quatro meses, morávamos em uma casinha no meio da mata, coberta de palha retiradas do coqueiro de babaçu e fechada e pau a pique durante a noite ouvíamos o barulho dos animais como onças e macacos, eu e meu irmão brincávamos muito, também pescava. O rio era um rio de águas limpas e claras chamado rio Anapu, de onde tirávamos água para beber, fazer comida e lavar roupas, meu pai eu e meu irmão ficamos doente de malária, voltamos para Brasil Novo. Por causa da malária

meu irmão teve paralisia e meningite, a sequela foi deixa-lo parapléxico. “A paraplegia é uma condição física onde o indivíduo pode apresentar ausência total ou parcial do sinal neurológico pela medula, resultando assim em paralisia e ausência de sensibilidade a partir do nível da lesão, descendo em sentido caudal” (MELATTI, 2014).

Mesmo sendo uma criança com deficiência, sem pode andar ou fazer alguns movimentos com os membros, o meu irmão me proporcionou muitas alegrias e brincadeiras. As brincadeiras eram inúmeras, sentava do lado da rede dele e brincávamos de carrinho, de boneca, de escolinha, desenhar e muitas outras brincadeiras. A nossa infância foi bem desenvolvida a partir do brincar e usar a imaginação, para aprimorar nossas habilidades de criança, já que nesta época não existia educação infantil na comunidade de Brasil Novo.

O meu aprendizado foi iniciado no ambiente familiar com atividades nas quais a minha família ensinou como: o respeito, o amor e a solidariedade, elementos esses que prepara o indivíduo para a sobrevivência em sociedade. Comumente, a família contribui com o processo de ensino aprendizagem em situações informais, vindo dos pais, mães, avós, irmãos e outros, introduzindo informações, habilidades, valores e repetições de comportamentos.

Bock, Teixeira (2008) acrescentam que a família corresponde ao primeiro grupo de mediação do indivíduo. Conseqüentemente, é o seio onde prevalecem às relações de cunho afetivo como o amor e a união de um grupo e esse vínculo de afetividade familiar que são repassados de geração a geração. A família propicia ao indivíduo a primeira educação, que é rica em valores humanos. Essa educação familiar é fundamental para o desenvolvimento social, é ela que irá instruir e encaminhar o indivíduo a viver socialmente. Segundo Casarin (2007, p.184), “A família tem sido, e será, a matriz do desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas”.

A educação adquirida na família faz parte do que o indivíduo levará da infância para a vida adulta, ou seja, uma lição para toda vida, e essa educação também será essencial para a formação de cada indivíduo.

## 1.2 Primeira escola: Ensino Fundamental

As instituições família e escola têm seus objetivos diferenciados, mas com o intuito de preparar a criança para a sobrevivência na sociedade. Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 101),

Escola e família têm suas especificidades e suas complementariedades. Embora não se possa supô-las como instituições completamente independentes, não se pode perder de vista suas fronteiras institucionais, ou seja, o domínio do objeto que as sustenta como instituições.

Mediante a fala das autoras citadas, entende-se que a família está inserida na escola, contudo elas estão interligadas com o propósito de alcançar o bem-estar da criança, e cada uma tem a sua sustentabilidade como instituição e complementação. Mas sabe-se que existem algumas divergências.

Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010) a escola e a família têm funções distintas, uma vez que a escola é responsável por repassar conhecimentos de cunho social e histórico, enquanto que a família é responsável pela socialização das crianças e pela transmissão de valores e comportamentos que sejam aceitos na sociedade em que vivem.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010) depreendem que, “apesar de escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar”.

Diante da necessidade e da idade, iniciei minha trajetória estudantil aos sete anos de idade na primeira série, na única escola da comunidade que hoje é a cidade de Brasil Novo. A escola foi construída pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária para ensinar os alunos dos colonos a ler e escrever, quem administrava a instituição era uma freira, que veio da região sul na época da abertura da transamazônica, ela tinha conhecimentos pedagógicos. O espaço físico da escola era composto por dois pavilhões construídos de madeiras. A escola atendia as salas com salas do primeiro ao oitava série. Que de acordo com a LDBEN. 9.394/96 Art. 6º - É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental.

Então com sete anos de idade iniciei minha educação escolar, lembro-me que a minha primeira professora se chamava Helena Guimarães, a turma não era de

multissérie, mas havia alunos de todas as idades, crianças adolescentes jovens e adultos, ambos com distorção de idade. Na época os pais não tinham muito interesse ou morava longe, e as crianças não iam para a escola na idade certa.

Vendo o comportamento pedagógico e afetivo da professora a partir da primeira série me fez sonhar em ser professora também. A mesma era muito carinhosa comigo e com meus colegas, sua atenção para conosco fez-me encantar pela profissão. O primeiro ano foi o suficiente para aprender a ler e escrever, no final do ano meu pai sendo agricultor e não tendo condições de nos manter na agrovila sem trabalho, decidiu ir morar na zona rural, ou seja, em terras de outros para trabalhar na lavoura e fiquei longe da escola até os 11 anos de idade, esse tempo longe da escola e com minha família foi muito bom vivenciei o período mais feliz da minha infância, pois lá eu e meu irmão brincávamos de fazer gaiolas, fazer arapuca mesmo que nunca pegamos pássaros, mas só a felicidade de confeccionar aqueles objetos já era o suficiente, também vivenciei inúmeros momentos com a família e até tornei professora do meu irmão nas brincadeiras. Biasi (2012) afirma que o essencial é brincar, mesmo na ausência do brinquedo. O brincar é um direito que é de todos. Direito a participação sociocultural e política e auxilia no processo de formação do sujeito como protagonista histórico.

Segundo Kishimoto (1994) afirma que o brincar é o trabalho da criança. Ao brincar, a criança aprende sobre seu mundo, tempo e espaço, expressa sua realidade, ordena e desordena, constrói um mundo que lhe seja significativo e que corresponda às necessidades intrínsecas para seu desenvolvimento global na infância.

A infância tomada na perspectiva de outras temporalidades não se esgota na experiência vivida, mas é ressignificada na vida adulta por meio da rememoração. Falar da infância é se reportar às lembranças do passado, não como este de fato ocorreu, mas a um passado que é, então, recontado a partir do crivo do presente e que se projeta prospectivamente. Nesse recontar, adulto e criança descobrem, juntos, signos perdidos, caminhos e labirintos que podem ser retomados, continuações de história em permanente “devir”. Recuperar para o futuro os desejos que não se realizaram, as pistas abandonadas, as trilhas não percorridas é uma forma de intervenção ativa no mundo. Nesse sentido, a experiência da infância constituída na narrativa é a memória daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, releitura crítica no presente da vida adulta (GAGNEBIN 1997, p. 43).

Aos 11 anos de idade voltei a estudar na segunda série do Ensino Fundamental, a situação financeira de meus pais ainda era muito difícil, minha mãe era lavadeira de roupas, para conseguir dinheiro para comprar meu material escolar, era tudo muito simples apenas um caderno um lápis e uma borracha, não tinha

mochila, pois o dinheiro não dava, meu pai continuava a trabalhar na roça, e de lá ele trazia o arroz e o feijão, esses alimentos eram plantados de meia, o meu pai dava a mão de obra e o dono da terra ofertava um espaço para o plantio. Muitas vezes a nossa alimentação era só o que meu pai plantava a carne era de caça.

Aos 14 anos de idade já concluídos a quinta série, por motivos pessoais fui obrigada a parar de estudar, só retornei a escola novamente com 18 anos e na mesma escola. Minha trajetória escolar foi com idas e vindas e com idades destorcidas, mas consegui concluir o fundamental com 21 anos de idade, desde os sete anos aos vinte e um anos foi muito difícil de estudar, ora pelas condições financeiras, ora por situações pessoais, mas com muita vontade e esforço consegui vencer essa etapa escolar, e os sonhos continuou, agora era vencer o ensino médio que diante das responsabilidades era mais difícil de concluir.

### **1.3 Terceiro momento da educação: Ensino médio**

Pela Constituição Federal de 1988 o ensino médio se incorporou à educação básica, passando a ser a sua terceira e última etapa e, pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei nº 9394/96, tem a finalidade de consolidar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitar o prosseguimento dos estudos, preparar para o trabalho e para a cidadania, aprimorar o educando e levá-lo a compreender o fundamento científico tecnológicos de cada disciplina escolar (Art. 35).

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica e deve seguir a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o propósito de preparar o aluno para o Ensino Superior.

Diante das dificuldades vivenciadas na minha infância, adolescência, e adulta fiquei distante da escola por mais tempo e o início do ensino médio para mim foi a partir dos meus 24 anos de idade. Nessa época voltei a estudar na mesma escola, pois era a única escola da comunidade e era mantida pelo estado ofertando o fundamental e o ensino médio. O espaço físico já tinha melhorado, as salas eram amplas e com mobílias melhores. Era um professor para cada disciplina, e todos os dias tinha trabalho e atividades para casa, isso dificultava mais, pois minha rotina era

bem corrida, tinha que trabalhar estudar e cuidar de minhas filhas. Nessa época trabalhava durante o dia como empregada domésticas e estudava a noite. Pensei muitas vezes em desistir, mas tinha um sonho de infância que era ser professora. Não queria viver a vida toda trabalhando em casa de família, os meus objetivos era vencer o ensino médio e ai entrar em uma faculdade e arrumar outro trabalho para eu poder ter mais tempo com minhas filhas. No decorrer do ensino médio arrumei mais filhos e as coisas iam dificultando mais. Aos 26 anos conclui o ensino médio e as esperanças de mudar de profissão eram grandes, sonhava em arrumar um emprego para trabalhar na educação.

#### **1.4 Início da profissão de docente**

A profissão é o exercício sobre uma determinada ação, com o objetivo de alcançar um resultado satisfatório dirigido para a sociedade, onde essa realização deve ser praticada com base nos princípios éticos e valores morais. Nesse contexto, é através do respeito que deve ser pautado o trabalho profissional, para que juntos constituam um grupo reconhecido e indispensável para o desenvolvimento do cidadão.

Já o conceito de docente para Aurélio (2016) é “relativo a professores; que ensina.” Sendo que “o vocábulo docente veio do latim docens, docentis que era o particípio presente do verbo latino docere que significa ‘ensinar’. [...]” (PADUA & CARVALHO, 2018, p. 14). A palavra docente tem como sinônimos: educador, pedagogo, “tio” e outros. Entretanto, independente dos nomes, o seu desempenho envolve várias vertentes, sendo canalizado principalmente para a condução do processo de ensino em prol do outro.

Portanto, o meu sonho de ser docente só iniciou no mês de março de 2013, quando fui convidada para trabalhar na Escola Planaltina no município de Brasil Novo – Pará, este convite veio da Secretária de Educação – SEMED, e a escola ficava localizada na zona rural. Assim que fui convidada, de imediato aceitei, pois fiquei muito feliz, mas também muito apreensiva porque era só um sonho não imaginava como seria esse momento na vida real e ingressar na educação como professora, era algo novo pra mim, mas aproveitei a oportunidade para mostrar que eu era capaz.

Foi uma experiência única, maravilhosa e senti muito realizada, busquei ajuda com outros professores do município e também consegui bastante material didático para poder desenvolver meu trabalho a altura dos alunos. A referida escola tinha um espaço muito pequeno com apenas duas salas de aula e uma cozinha secretaria e dois banheiros. Trabalhava com alunos multisséries, a turma era composta por 17 alunos, com idade diferente, ambos eram adultos e também havia uma idosa de 75 anos e o sonho dela era aprender a ler e escrever.

As classes multisseriadas ou escolas de primeiras letras, como eram chamadas, foram institucionalizadas durante o período imperial, por meio da Lei de 15 de outubro de 1827, ao estabelecer no Art. 1º que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, tinham escolas de primeiras letras (SOUZA, 2010).

Logo, a Educação do Campo é composta por classes de multisséries. Janatai (2015) conceitua as classes de multisséries:

As classes multisseriadas são uma forma de organização escolar em que alunos de diferentes idades e tempo ou níveis de escolarização (o que conhecemos por série) ocupam uma mesma sala de aula, sob a responsabilidade de um mesmo professor. Presentes no contexto do campo, as escolas/classes multisseriadas são frutos de um período histórico que nos remete ao Brasil colônia, com as professoras leigas e ambulantes que davam aulas aos filhos dos donos das terras e por consequência aos filhos dos seus trabalhadores, após a expulsão dos jesuítas do país em 1759 (JANATAI, 2015. p. 2).

De acordo com a citação de Janatai (2015), pois a primeira turma que iniciei como professora tinha muitas diferenças de idade, mas ambos querendo recuperar o tempo perdido quanto ao aprender a ler e escrever. Com o tempo fui aperfeiçoando as minhas práticas pedagógicas e quando finalizei o ano conseguir alfabetizar todos os alunos até mesmo a senhora de 75 anos, ambos conseguiram aprender a ler e escrever e as quatro operações, foi um trabalho muito difícil, o esforço foi positivo e gratificante para mim e para todos os alunos.

Já no ano seguinte, fui convidada a trabalhar na cidade de Brasil Novo e em uma escola de educação infantil na Creche Monteiro Lobato com pré-escolas, espaço que atende crianças dos 02 anos de idade aos 05 anos de idade.

Educação de crianças pequenas no Brasil não se constituiu inicialmente como um direito da criança, mas como uma conquista dos movimentos sociais, principalmente do movimento das mulheres e sua luta pela inserção no mercado de trabalho.

Com o surgimento do capitalismo, a sociedade despertou o interesse pelas crianças. Talvez pela própria necessidade de cuidar da vida e mantê-la, ou pela necessidade econômica exigida pelo capitalismo, às características que distinguem as crianças dos adultos passaram a ser percebidas e acentuadas, e os pequenos começaram a receber um atendimento diferenciado do adulto no que diz respeito à vestimenta, alimentação e outras atividades. Até meados da década de 1970, quando passou a compor a legislação brasileira, a educação infantil existia sob a referência de uma educação assistencialista. A educação para crianças pequenas era compreendida como um meio de suprir suas carências culturais e físicas, além de configurar uma política preparatória para o ensino fundamental (KUHLMANN JR. 2000).

Com o decorrer dos tempos surge a Constituição de 1988 que apresentou como primeira etapa da educação básica e especificou como dever do Estado oferecer creches e pré-escolas. Essa conquista foi novamente assegurada em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, e, por fim, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que estabeleceu novas diretrizes para a educação infantil.

A Educação Infantil é a primeira modalidade da educação básica, conforme estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 que traz, por finalidade, “o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Sendo a educação infantil o campo de interesse profissional, almejei ser professora desde a minha infância, mas via como um sonho impossível de trabalhar, mas no ano de 2014 iniciei minha experiência de professora auxiliar em uma turma maternal, sendo momento de socializar e aprender a lidar com as habilidades das crianças, a professora titular era muito atenciosa e carinhosa com as crianças e tinha grandes experiências pedagógicas e de planejamentos com rotinas diárias aos pequeninos, sendo auxiliar essa oportunidade fez-me aprender muito e sempre estava dispostas para ajudar na preparação das aulas.

No ano de 2015 fui nomeada de uma professora regente da turma, e quando me ofereceram aceitei de primeira, pois já tinha adquirido experiência no ano anterior como professora auxiliar, então nesse ano comprei muitos materiais pedagógicos e lúdicos para fazer meu trabalho da melhor forma possível. A escola tem um espaço

amplo e atende alunos no turno da manhã e tarde, também tem parquinhos e muitos brinquedos, os professores são bem unidos e costumavam trocar experiências e isso ajudou muito para melhorar minhas habilidades de professora da educação infantil.

Amei a experiência de professora de educação infantil e estou até hoje na mesma escola de educação infantil, mesmo sem ter um curso superior consegui realizar meus sonhos de professora, passo para meus alunos confiança e muito amor, pois é o trabalho que sempre almejei durante toda a vida.

Diante da necessidade de ter um ensino superior, entrei em uma instituição particular para garantir que a minha profissão de docente, mas com o tempo desistir. Essa profissão é o que eu gosto de fazer e pretendo continuar fazendo.

A minha inclusão na educação infantil necessita de formação superior. A exigência do ensino superior para se atuar como profissional da educação infantil; a designação dos municípios como responsáveis pelo atendimento na educação infantil exigia o ensino superior, e todas essas exigências me fez ter medo de perder essa oportunidade de continuar o trabalho como docente. Diante das bençãos do senhor surge a oportunidade de ter o curso superior pela UFPA através do programa PARFOR.

### **1.5 O ingressar no Curso Superior - UFPA-PARFOR**

O sonho de continuar estudando e ter uma licenciatura em pedagogia eram impossíveis, mas graças a Deus veio à oportunidade de ingressar em uma Universidade com o curso de Pedagogia, com o plano de carreira oferecido pelo Ministério da Educação o programa PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores e pela Universidade Federal do Pará, veio contemplar os professores que não tinha uma formação ou que estaria trabalhando em área que não fosse a sua formação.

Graças o DECRETO Nº. - 6.755, DE 29 DE JANEIRO DE 2009, institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica que “fica instituída a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, a formação inicial e continuada

dos profissionais do magistério para as redes públicas da educação básica”. Com o objetivo ofertar a educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País.

No ano de 2017 voltei a estudar e dessa vez já era o curso superior em pedagogia, mas a instituição era particular e deixava dúvidas quanto à regularização da mesma. Depois de alguns meses tive conhecimento que iria abrir uma turma do curso de licenciatura em pedagogia pelo PARFOR, foi então que fui atrás para me escrever, confesso que fiquei muito ansiosa, almejando conseguir uma vaga. Depois de alguns dias de ansiedade sai à lista dos contemplados e graças a Deus meu nome saiu, foi no ano de 2018 que recebi minha benção, fui notificada que havia sido selecionada para o curso de pedagogia, então em seguida depois de concluir minha matrícula, cancelei o da instituição particular.

No dia 03 de janeiro de 2019 comecei minha trajetória acadêmica na cidade de Anapu. Durante o percurso dos quatro anos tive muitas dificuldades para me descolar da cidade de Brasil Novo para a cidade de Anapu, também as dificuldades se estenderam em algumas disciplinas, atividades, seminários e tantos outros momentos, mas todos foram de suma importância para poder desenvolver minhas habilidades de educadora com uma visão diferenciada da que eu tinha.

A graduação - PARFOR me deu a oportunidade de entrar na melhor Universidade Federal do Pará e formar em professora, foi uma oportunidade única. Também foram muito esses quatro anos, pois aprendi muito com os excelentes professores, e me proporcionou o melhoramento das habilidades para o exercício da profissão de professora. Nesse tempo de estudo aprofundei em vários teóricos da educação, tive grandes ensinamentos dos professores, aprendi novas metodologias a partir dos discentes do curso. Apresento aqui algumas metodologias trabalhadas no curso que serviu de aprendizagem para a minha vida profissional, temos a metodologia Ativa e Híbrida. A Híbrida foi explorada durante os quatro anos, mas foi mais explorada no ano de 2020 e 2021 por causa da Pandemia Covid-19.

As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos,

atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. (BACICH & MORAN. 2018)

Durante o curso aprendi muitas habilidades que me faz ser uma profissional (professora) melhor. De acordo quando Freire (1996) afirma que a educação é dialógica, participativa e conscientizadora, que se desenvolve por meio da problematização da realidade, na sua apreensão e transformação. E o trabalho pedagógico com a metodologia da problematização, ensinar significa criar situações para despertar a curiosidade do aluno e lhe permitir pensar o concreto, conscientizar-se da realidade, questioná-la e construir conhecimentos para transformá-la.

As disciplinas do curso de pedagogia ajuda o docente a desenvolver o seu trabalho em sala, concordo quando Zanella (2011, p. 07) descreve:

Os cursos de licenciatura têm a responsabilidade de desenvolver disciplinas que ajudem os graduandos a aprender e conhecer a parte prática da sala de aula, por isso a importância de que, nesses cursos, seja trabalhada a realidade educacional para que os futuros professores estejam preparados para construir o conhecimento junto com seus alunos, o que de fato não vem acontecendo.

De acordo com Zanella (2011), pois graças ao curso de licenciatura em pedagogia do PARFOR que tem me ajudado a desenvolver as minhas práticas pedagógicas, e sempre renovando como professora.

Portanto, o PARFOR através da UFPA tem sido o maior investidor na formação e qualificação dos professores das redes municipais e estaduais, ou seja, para uma maioria expressiva de profissionais da Educação Básica constituiu-se como uma grande possibilidade de qualificação e aprimoramento, de aprofundamento dos saberes necessários ao exercício da docência e de espaço de renovação das práticas pedagógicas para a ressignificação do processo de ensino e de aprendizagem (ARAÚJO, 2022).

Conforme Araújo (2022) apud Freire (1998, p. 51): "O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa da nossa curiosidade epistemológica".

De acordo com Araújo (2022) apud Santos (2015), o PARFOR é uma chance de acesso ao Ensino Superior a profissionais que estão atuando nas escolas municipais ou estaduais, gratuito e em grandes Universidades Públicas como a UFPA. Chance que, muitas vezes, não tiveram na juventude devido a carência de oferta de

cursos em suas localidades ou mesmo pela necessidade do ingresso imediato ao mercado de trabalho para garantir o próprio sustento e o de sua família. É evidente que como todo processo, houveram dificuldades que foram vencidas a partir dos diálogos entres as partes nesse processo, visando garantir a formação adequada a profissionais que exerciam a profissão ao longo dos anos, porém possuíam o diploma.

Nesse sentido, acredita-se que Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica em curso, representa para uma maioria expressiva de profissionais da Educação Básica a grande possibilidade de qualificação e aprimoramento, de aprofundamento dos saberes necessários ao exercício da docência e de espaço de renovação das práticas pedagógicas (ARAUJO, 2022). Diante da fala de Araújo faço as minhas, o PARFOR e a UFPA foram à oportunidade que sempre almejei para ter uma formação superior de qualidade com professores renomados e bem com a melhor metodologia de ensino do Brasil.

Portanto, o **PARFOR** é um nome que me faz lagrimejar meus olhos, pois foi através desse programa que pude realizar meu sonho de ser uma professora com licenciada e permanecer na profissão que sempre sonhei. O Parfor representa para mim uma realização, um futuro promissor, uma vida melhor, uma dádiva de Deus na minha vida. Então sou eternamente grata ao responsável pelo programa PARFOR, a UFPA, pela coordenadora do curso e a todos professores que me ensinou a teoria e a prática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho Memorial: “As reflexões sobre a trajetória de vida da infância a vida Acadêmica”, trás relatos da infância até este momento em que estou inserida no curso de Licenciatura em pedagogia, Parfor. Durante o momento que adentrei na minha memorial para descrever este artigo, pude resgatar muitos momentos que foram importantes para mim e que estava adormecido. Foram experiências doloridas, as marcas do passado, quer seja boas ou ruins são inesquecíveis e fazer voltar hoje, dói o coração de saudades. Saudades do meu pai e do meu que já não está conosco. Saudades do aconchego de infância.

Também podemos comparar o descaso da educação na época passada e os pensamentos dos adultos que estavam ao meu redor quando afirmava que a educação era para ser inserida com o principal objetivo de que a criança precisava ler e escrever, desenvolvendo essas habilidades não era necessário continuar na escola. Já hoje o contexto de nossa educação é bem diferente e garante educação a todos com mais flexibilidade.

Em relato a minha vida estudantil, tive momentos difíceis para conseguir chegar ao ensino médio, não foi escolha minha, mas o destino por ser uma pessoa que nasceu em uma sociedade que tem divisão social, e a vulnerabilidade social fazia parte da minha vida, então chegar hoje aqui dentro da UFPA através do Parfor é uma grande vitória na minha vida pessoal e profissional.

Durante o curso de licenciatura em Pedagogia tive muitas dificuldades nas aulas, na preparação dos trabalhos, na apresentação, no deslocamento para outra cidade, entre outras. Mas entendo que é com a dificuldade e esforço que me fez se tornar uma pessoa mais preparada para a profissão.

Tenho convicção de que a vontade de vencer contribuiu de certa forma para minha formação acadêmica, meu sonho de conquistar a profissão como professora de ensino infantil, o ingresso em uma universidade federal, enfim, um trajeto de barreiras e conquistas, que pode servir de exemplo para muitos que não acreditam que podem conquistar seus sonhos e falar com muito orgulho até aqui o senhor me ajudou.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Ludetana. **Entre rios e estradas: a história construída do parfor/pedagogia em quase uma década**. Anais VII ENALIC... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/52122>>. Acesso em: 20/12/2022
- ARENDE, H. **Entre o passado e o futuro**. tradução Mauro. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARIES, Philippe. **História social da Criança e da família**. 2 ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

AURÉLIO. Dicionário Aurélio de Português. 2016.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática**. Penso Editora. Porto Alegre. 2018.

BIASI, Mari de. **Brincar e aprender na educação infantil: o lúdico como recurso educativo**. Editora: Prestigio editorial. 1ª edição, 2012.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BLOCH, Marc, **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria De Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. 2017. Disponível [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 12 dezembro2022.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. Família e aprendizagem escolar. 2017.  
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **O Direito de Brincar: a Brinquedoteca**. São Paulo: Ed Scritta; ABRINQ, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e Pensamento. In: GHIRALDELLI JR., Paulo. (org.). Infância, escola e modernidade. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

GIL, Antônio Silva. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

JANATAI, Natacha Eugênia; ANHAI, Edson Marcos de. **Escolas/Classes Multisseriadas do Campo: reflexões para a formação docente. Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2015.

KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 1994.

KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 1994.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Melatti, Juliana. Graduação em Fisioterapia (Faculdade da Serra Gaúcha, FSG, 2014. <https://www.infoescola.com/autor/juliana-melatti/329>. Acesso 10 de dezembro de 2022 às 22 horas.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Perspectiva. Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, C.B. e MARINHO ARAUJO, C.M. **A relação família escola: intersecções e desafios**. Estudos de Psicologia - Campinas. Jan /março 2010.

PÁDUA, Carlos Alberto Lima de Oliveira; CARVALHO, Antonia Dalva França. **A profissão docente: Conhecendo a trajetória de suas vivências**. 2018 · Cia do eBook.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate**. Revista Perspectiva. Florianópolis, v. 20, p. 137-162, jul./ dez. 2002.

SOUZA, Marilsa Miranda de. **Imperialismo e educação do campo: uma análise das políticas educacionais no Estado de Rondônia a partir de 1990**. 2010. 405 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2010.

Tardif, M. (2003). **Saberes docentes e formação profissional**. (3. ed.) Petrópolis: Vozes.

TAVARES, Camila Mendes Martins; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. **Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria**. Belo Horizonte – vol. 5, no 1, jan/jun 2013.

ZANELLA, Camila. **As Dificuldades Didáticas dos Professores Iniciantes e os Programas de Formação Inicial e Continuada para Docentes**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. SENADO FEDERAL SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS. BRASÍLIA – 2005.

\_\_\_\_ <http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/decreto-capes-no-6755-de-29-de-janeiro-de-2009-politica-nacional-de-formacao-de-professores>. (acesso, 18 de dezembro de 2022).